

# Juó Bananére U inginiéro chi scribíá nu giornale



Há 75 anos falecia Alexandre Marcondes Machado - ou Juó Bananére -, o tradutor da *belle époque* paulistana

Por Kátia Nogueira de Mello Imagens: Divulgação/Editora 34

Quando substituiu Annibale Scipione na seção "Cartas d'Abax' o Pigues", do semanário *O Pirralho* (comandado pelo modernista Oswald de Andrade), o estudante de engenharia Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933) não sabia que viria a ser um dos grandes inspiradores da linguagem e da postura escrachada apresentadas pelos poetas modernistas na Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 em São Paulo.

Annibale Scipione, pseudônimo de Oswald de Andrade, falava com seus leitores em linguajar macarrônico, misturando o português e o italiano. Como Andrade tinha planos de viajar para a Europa, começou a procurar um substituto que ocupasse o seu lugar.

Sob o pseudônimo de Juó Bananére - que estreou no jornal em 1911 -, o estudante natural de Pindamonhangaba, interior de São Paulo, não só respondia às cartas dos leitores como fazia paródias de poemas famosos, como "Meus Oito Anos", do poeta romântico Casimiro de Abreu, "Canção do Exílio", do também romântico Gonçalves Dias, e "Via Láctea", do parnasiano Olavo Bilac.

Bananére debochava sem medo do preciosismo métrico e poético dos parnasianos, que respeitavam estruturas fixas como os sonetos, sempre decassílabos ou dodecassílabos, e gastavam o português descrevendo vasos, estátuas e outros objetos para fugir do sentimentalismo. Segundo o ensaísta e crítico literário Otto Maria Carpeaux, "Juó Bananére pode ser considerado como precursor do modernismo, para o qual contribuiu desmoralizando os deuses parnasianos".

Bananére também fazia graça do excesso de sentimentos do Romantismo, que carregava nas tintas de amores não-consumados, do sofrimento proveniente de perdas e de saudades latejantes e irremediáveis.

Um dos poemas mais famosos de Bananére é "Os Meus Otto Anno" (veja box na próxima página). Para justificar a literatura macarrônica que usava, Bananére declarou, em uma edição de *O Pirralho* de 1912, que "a artografia moderna é uma maneira de scrivê, chi a genti scrive uguali come

dice". Como estudava na Escola Politécnica, então no bairro do Bom Retiro, e morava no Bexiga (que ele tratava como "Abaxo o Pigues"), Bananére passou a tomar contato com os imigrantes italianos que trabalhavam nas fábricas da região, além de circular também pelos bairros do Brás e Barra Funda. Com isso, transformou o *O Pirralho*. "Bananére pode ser considerado o primeiro articulista de massas no Brasil. Ele falava diretamente com o povo, usando a linguagem das ruas", afirma Cristina Fonseca, escritora e documentarista que lançou, em 2001, o livro *Juó Bananére - o abuso em blague* (Editora 34), obra que traz a biografia do escritor e uma contextualização histórica de Bananére na capital paulista.



Acima, Juó Bananére, "o precursor do modernismo", como definiu Otto Maria Carpeaux. Ao lado, a primeira edição do semanário que o lançou, substituindo *O Pirralho*





Em 1915, Juó Bananére foi dispensado de O Pirralho por conta de críticas a Olavo Bilac

O periódico, que antes era lido pelas classes mais abastadas da sociedade, passou a circular entre os operários, que procuravam o jornal por causa da coluna irreverente do escritor. Juó estabeleceu uma empatia imediata com as massas, não só pelo linguajar, mas por fazer troça da "alta literatura", confinada à burguesia, única classe social que tinha pleno acesso à alfabetização. Além disso, Bananére usava alvos populares, como o presidente Hermes da Fonseca (que governou de 1910 a 1914) e o então prefeito de São Paulo Washington Luís (1914-1919). "Ele usava seu recurso de linguagem em forma de

crítica, com frases como 'o gorpo indecinti da Gademina Brasillera de Letras' (corpo docente da Academia Brasileira de Letras)", afirma Cristina. Em maio de 1915, Juó Bananére viveu o auge de sua carreira ao lançar *La Divina Incrénca*, título que satiriza o clássico *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O livro, que teve dez edições lançadas entre 1915 e 1966, trazia uma coletânea de poemas publicados em *O Pirralho*, alguns satíricos, como "Migna Terra", inspirado em "Canção do Exílio", e outros marcados por referências ao cotidiano do próprio autor, como "O Studenti du Bó Retiro (Poisia Patriótica)".

## "Os Meus Otto Anno"

O Chi sodades che io tegno  
D'aquillo gustoso tempigno,  
C'io stava o tempo intirigno  
Brincando c'oas mulecada.  
Che brutta insgugliambaçó,  
Che troça, che bringadêra,  
Imbaxo das bananêra,  
Na sombra dus bambuzá.

Che sbornia, che pagodêra,  
Che pandiga, che arrelía,  
A genti sempre afazia  
No largo d'Abaxo o Pigues.  
Passava os dia i as notte  
Brincando di scondi-scondi,  
I atrepáno nus bondi,  
Bulino c'os conduttore.

Deitava sempre di notte,  
I alivantava cidigno,  
Uguali d'un passarigno,  
Allegro i cuntento da vita.

Dibia un caffè ligêro,  
Pigava a penna i o tintêro  
Iva curréno p'ra scuóla.

Na scuóla io non ligava!  
Nunga prestava tençó,  
Né nunga sapiá a liçó.  
O professore, furioso,  
C'oa vadiaçó ch'io faceva,

Mi dava discompostura;  
Ma io era garadura  
I non ligava p'ra elli.

Invez di afazê a liçó,  
Passava a aula intirigna  
Fazéno i giogáno boligna  
Ingoppa a gabeza dos ôtro.  
O professore gridava,

Mi dava un puxó de oreglio,  
I mi butava di gioeglio  
Inzima d'un grão di milio.

Di tardi xigava in gaza,  
Comia come un danato,  
Puxava u rabbo du gatto,  
Giudiava du gaxorigno,  
Dulia co'a guzignêra,  
Brigava c'oa migna ermá;  
I migná mái p'rá cabá,  
Mi dava una brutta sova.

Na rua, na visinhança,  
Io era mesmo un castigo!  
Ninguê puteava commigo!  
Bulía con chi passaga,  
Quebrava tuttas vidraça,  
I giunto co Bascualino  
Rubava nus bottechino  
A aranxia pera du Rio.

Viva amuntado nus muro,  
Trepado nas larangiêra;  
I sempre ista bringadêra  
Cabava n'un brutto tombo.

Mas io éra incorrigive,  
I logo nu otro dia  
Ricominciava a relia,  
Gaia traveis di novo!  
A migna gaza vivia  
Xiingna di genti, assim!!...  
Che iva dá parti di mim.  
Sembrava c'un gabinetto  
Di quexa i regramaçó.  
Mei páio, pobre goitado,  
Vivia atrapagliado  
P'ra si liverá dos quexozo.

I assi di relia in relia,  
Passê tutta infança migna,  
A migna infança intirigna.  
Che tempo mais gotuba,  
Che brutta insgugliambaçó,  
Che troça, che bringadêra,  
Imbaxo das bananêra,  
Na sombra dus bambuzá!

## O Studenti du Bó Retiro

### Poisia Patriotica

(Premiata c'oa medaglia di pratina na insposiçó da Xéca-Slovaca i c'oa medaglia di brigliantina na sposiçó internazionale da Varzea du Carmo).

ANTIGAMENTE a scuola era rizogna e franga;  
Du veglio professor a brutta barba branga  
Apparecia un cavagnac da relia,  
Che pugna rispetto inzima a saparia.  
O maestro éra um veglio bunitigno,  
I a scuóla era no Bellezigno.  
Di tarde inveiz, quano cavaba a scuola,  
Marcáno o passo i abaténo a sola,  
Tutto pissoalo iva saino in ligna,  
Uguali como un bando di pombigna.  
Ma assi chi a genti pigliava o portó,  
Incominciava a insgugliambaçó;  
Tuttos pissoalo intó adisparava,  
I iva mexeno c'oa genti chi passava.

\* \* \*

Oggi inveiz stá tutto mudado!  
O maestro é um uomo indigraziado,  
Che o pissoalo stá molto chétamente  
E illo giá quére dá na gente.  
Invez un dí intró na scuóla un rapazigno  
Co typio uguali d'un intalianigno,  
O perfilo inergico i o visagio bello.  
Come a virgia du pittore Raffaello.  
Stava vistido di lutto acarregado,

Du páio che murreu inforgado.  
O maestro xamô elli un dia,  
I priguntó: - Vuc sabe giografiffa?  
- Come nó!? Se molto bê si signore, -  
Quale é o maiore distritto di Zan Baolo?  
- O maiore distritto di Zan Baolo,  
O maise bello e ch'io maise dimiro  
É o Bó Ritiro!  
O maestro furioso di indignaçó,  
Batte con nergia u pé nu chó,  
I gritta tutto virneligno:  
- O migliore distritto é o Billezigno.  
Ma u aguia do piqueno inveiz,  
C'oa brutta carma dissa otraveis:  
- O distritto che io maise dimiro,  
É o Bó Ritiro!  
O maestro, viremiglio di indignaçó,  
Alivantô da mesa come un furacó,  
I pigano un mappa du Braz  
Disse: Mostre o Bó Ritiro aqui si fô capaiz!  
Alóra o piqueno també si alevantô  
I baténo a mon inzima o goraçó,  
Disse: - O BÓ RITIRO STÁ AQUÍ!

Atrevido, o anarquista não perdoava ninguém. Ainda em 1915, Marcondes Machado foi dispensado de *O Pirralho* por alfinetar, em duas semanas consecutivas, o poeta parnasiano Olavo Bilac. Nessa época, Oswald de Andrade havia retornado ao Brasil e retomado o comando do periódico. Apesar de já ter entrado em contato com a cultura pré-modernista na Europa, Oswald ainda não era o revolucionário contestador que viria a ser em 1922. Ligado a Bilac por motivos políticos (*O Pirralho* apoiava a Campanha Civilista, movimento que tinha Bilac entre os mentores), Andrade não aceitou as críticas de Bananére e o demitiu. A pesquisadora Cristina Fonseca aponta outro agravante: Bananére teria zombado da bailarina Landa Kosbach, uma adolescente que Andrade namorava na época. Em 1916, Marcondes Machado lançou o tablóide *Vespa*, com espírito ideológico parecido com o de *O Pirralho* - marcado por fortes críticas ao governo. No ano seguinte, formou-se em engenharia e abandonou o nome Juó Bananére. O pseudônimo foi, aos poucos, se apagando do cotidiano de Marcondes Machado. Em 1919 lançou o livro *A arquitetura colonial no Brasil*, com fotos, no qual descreve sua viagem pelas cidades históricas de Minas Gerais, e a peça "Vai dar o que falar", ambos assinados com seu nome verdadeiro. Os últimos registros escritos de Machado foram publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 1926 e 1927. Em 1931 lançou dois compactos (discos de sete polegadas que

armazenavam entre uma e duas canções de cada lado), com os poemas "Non Fui Ista a Inrevoluçó que lo Sugné", "O Indiscoverimento do Brazil", "O Lobo i u Gorderigno" e "U Cavagnac". Dois anos depois, produz o jornal *Diário do Abaxo o'Pigues*, mas teve pouco tempo para escrever: morreu em agosto de 1933. Curiosamente, Marcondes Machado não tinha raízes italianas. Conseguiu, porém, absorver e traduzir como poucos as peculiaridades da população paulistana da época, que contava com cerca de 500 mil habitantes, dos quais cerca de 25% eram imigrantes. Uma sociedade fortemente dividida entre as aristocracias cafeeira e industrial e o proletariado, formado principalmente por trabalhadores assalariados (italianos, camponeses e ex-escravos), que se tornaram os principais responsáveis pela tão miscigenada língua paulistana.

O auge do escritor foi no mesmo ano em que saiu de *O Pirralho*, ao lançar *La Divina Incrénca*, uma coletânea de seus poemas publicados no semanário modernista

